

Crise da água em São Paulo

* Por Marzeni Pereira

A crise hídrica em São Paulo tem despertado nossa atenção nesse ano de 2014. E não é por acaso. No Estado mais rico, industrializado e mais populoso do Brasil corre sério risco de haver uma crise de saúde pública, ambiental, econômica e institucional sem precedentes na América.

Recentemente o astrofísico estadunidense Greg Laughlin, calculou o valor do Planeta Terra e, segundo ele, a água doce equivale a 75% de todas as riquezas do Planeta Terra somadas. Pode parecer absurdo, mas o Capitalismo enxerga tudo como recurso de valor econômico.

O Brasil é um dos países mais ricos em água do mundo, com cerca de 13% de toda a água doce do Planeta e ainda possui, os maiores aquíferos subterrâneos, o Alter do Chão e cerca de 70% do Guarani. Nesse cenário, o País ganha grande importância na geopolítica mundial, uma vez que a água doce tem se tornado cada vez mais escassa, em contrapartida, à crescente produção de alimentos e de outras riquezas dependentes da água.

Por outro lado, a produção de alimentos para exportação, atividade essencialmente desenvolvida pelo Agronegócio, coloca o Brasil entre os países que mais exporta água. Com base nos dados de exportação disponibilizados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, em 2013, o País exportou cerca de 200 trilhões de litros de água “virtual”, somente contando soja, carne bovina e suína, milho e café. Esse volume equivale a 200 vezes o Sistema Cantareira cheio e daria para abastecer a Região Metropolitana de São Paulo por cerca de 100 anos.

Água virtual, quantidade necessária para produzir os produtos:

Produto	Litros de água para produzir 1 kg
Farelo de soja	2.400
Óleo de soja	5.400
Soja grão	1.800
carne bovina	15.497
carne porco	6.309
milho	909

A exportação de alimentos em larga escala traz poucos e discutíveis benefícios: empregos e “divisas”. Empregos são em pequena quantidade, em função da mecanização das monoculturas. Já as “divisas” vão para quem? Para que serve, além do exercício contábil de equilíbrio da balança comercial? O consumo de água na agricultura muito alto, cerca de 70% da água, já a indústria fica com 22% e residências 8%.

Já os prejuízos são imensos: destruição dos biomas, redução e contaminação dos corpos d’água com consequências para toda a população em todo o País. Existem vários estudos indicando que a superexploração dos recursos hídricos e o desmatamento do Cerrado são responsáveis pelo desaparecimento de vários afluentes de importantes rios de outras regiões, como por exemplo, o São Francisco. Isso somado com o desmatamento da Amazônia, vem reduzindo a umidade atmosférica proveniente do norte do País, chamada de “Rio Voador”. É essa umidade que possibilita grande parte das chuvas no Sul e Sudeste do Brasil.

Uma hipótese bastante aceitável é que a redução das florestas e corpos d’água no Norte e Centro Oeste, combinada com fenômenos climáticos, sejam os principais responsáveis pela seca extrema no Sudeste. Óbvio que isso se agrava com o desmatamento da própria região sudeste. Um olhar mais atento constata que o Oeste do estado de São Paulo teve sua vegetação nativa quase que totalmente substituída por de cana-de-açúcar, laranja, eucalipto, etc., além de todo o desmatamento existente nas regiões de mananciais.

Entretanto, nada disso pode ser atribuído ao “Ser Humano” de forma aleatória, diluindo a responsabilidade e a culpa. São poucos que controlam as terras no Brasil, poucos que controlam a água, que exportam, que fazem propaganda para induzir o povo a comprar produtos, que muitas vezes, são desnecessários. Esses poucos têm grande influência nos governos e nas decisões.

O fato é que o Capitalismo vai levar o Planeta ao colapso. Porém, esta fase de liberalismo econômico (ou Neoliberalismo) acelerou muito esse processo à medida que o ganho imediato e o crescimento econômico obrigatório é parte da lógica atual. Isso explica parte da crise de abastecimento de água em São Paulo.

Nos últimos meses vivenciamos uma das maiores estiagens na região Sudeste do Brasil. A região abriga um dos maiores sistemas de abastecimento de água do mundo, o Sistema Cantareira. Diante dessa estiagem, a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) corre sério risco de ficar inteiramente sem água. Além disso, as outras cidades que dependem dos rios que abastecem o Cantareira já estão sofrendo com o desabastecimento.

Entretanto, o risco de desabastecimento abrange não somente a área de cobertura do Cantareira. Pois o sistema adutor metropolitano de São Paulo é interligado e a água de um sistema pode abastecer parte do outro. Dessa forma, foi reduzida a área de influência do Cantareira e sobrecarregado os demais. Mas, nenhum deles tem condições de suprir por muito tempo essa lacuna.

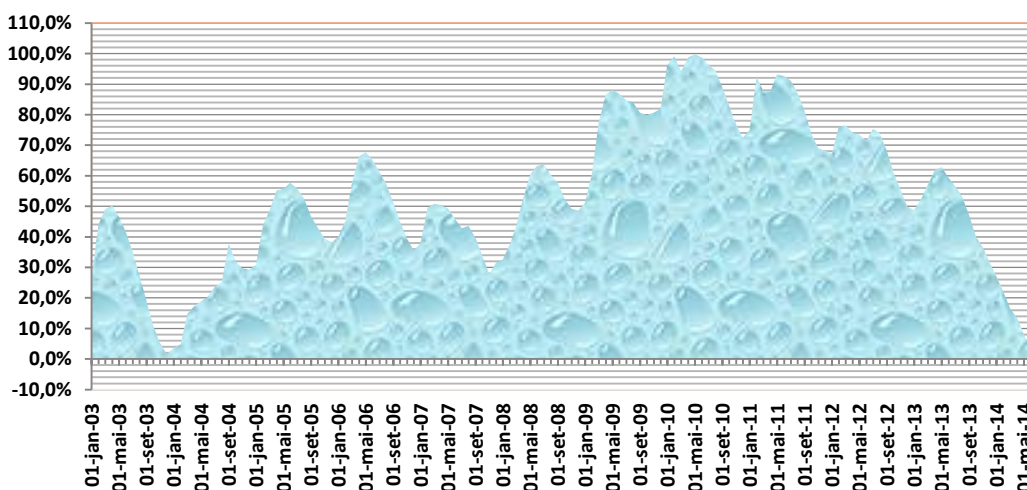
Se é verdade que até o momento não podemos controlar os eventos climáticos, como a estiagem, também é verdade que já é possível prevê-los e precaver de seus efeitos. Mas o problema não é causado somente por São Pedro, há mais de uma década que os especialistas vêm alertando para o colapso no sistema de abastecimento de água de São Paulo. Há um crescimento substancial da demanda sem contrapartida na oferta.

Nos últimos 20 anos, não houve a construção de um único sistema de tratamento de água, veja: Cantareira (1973); Alto Tietê (1993); Guarapiranga (1958); Rio Grande (1957); Ribeirão da Estiva (1973); Baixo Cotia (1960); Alto Cotia (1914); Rio Claro (1937).

Não é de hoje que os sistemas de abastecimento de água da RMSP já vêm trabalhando no limite. Pouca coisa foi feita no sentido de aumentar a capacidade das represas, de melhorar a eficiência na distribuição, no desenvolvimento de novas opções de abastecimento e o uso diferenciado. Muito menos na preservação dos mananciais, por onde passou o Rodoanel, por exemplo, e tiveram um aumento da ocupação do solo.

Alckmin reclama da estiagem, mas veja o gráfico de reservação de água do Sistema Cantareira dos últimos 10 anos. Em 2004 já houve racionamento e nos anos seguintes, somente recuperou porque choveu acima da média.

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NO SISTEMA CANTAREIRA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS.



Lembrando que o governador entre 2001 e 2006 era Geraldo Alckmin.

Jogo de interesses

ANO	LUCRO LÍQUIDO	DIVIDENDOS DISTRIBUÍDOS	PERCENTUAL/ PAYOUT
2013	R\$ 1,923 bilhão	R\$ 534,2 milhões	27,90%
2012	R\$ 1,911 bilhão	R\$ 534,2 milhões	27,90%
2011	R\$ 1,223 bilhão	R\$ 578,7 milhões	43,90%
2010	R\$ 1,630 bilhão	R\$ 455,9 milhões	27,90%
2009	R\$ 1,507 bilhão	R\$ 394,1 milhões	26,10%
2008	R\$ 862,9 milhões	R\$ 296,1 milhões	34,30%
2007	R\$ 1,055 bilhão	R\$ 300,7 milhões	28,50%
2006*	R\$ 789,4 milhões	R\$ 273,9 milhões	34,70%
2005*	R\$ 865,5 milhões	R\$ 347,9 milhões	40,20%
2004*	R\$ 513,1 milhões	R\$ 152,9 milhões	29,80%
2003*	R\$ 833,3 milhões	R\$ 504,1 milhões	60,50%
R\$ 13,113 bilhões		R\$ 4,372 bilhões**	

* Dados sobre dividendos distribuídos a partir de 2006 são aproximados, calculados com base no lucro líquido e no payout divulgados pela Sabesp. ** Valor aproximado. Fonte: Relatório da Diretoria Econômico-Financeira e de Relações com Investidores da Sabesp, de março de 2014.

No mesmo período, o lucro da Sabesp foi bilionário, e vem crescendo. Em 2009 foi de R\$ 1,37 bilhões, em 2012 pulou para R\$ 1,9 bi e em 2013 chegou próximo ao R\$ 2 bilhões, em cinco anos ultrapassou R\$ 8 bilhões de lucro. Segundo o jornal Valor Econômico (09/05/2014), nos últimos onze anos, a Sabesp acumulou um lucro líquido de R\$ 13,1 bilhões. Desse montante, os acionistas abocanharam cerca R\$ 4,4 bilhões. Aqui está um dos problemas que impedem os

investimentos em mais em obras de reservação de água, redução de perdas, reuso da água e preservar mananciais. Gastar em reservatório e mananciais é caro e o retorno é de longo prazo. Portanto tornam menos atrativas ações no mercado financeiro. Para o “mercado” o retorno tem que ser imediato.

Essa lógica privatista acompanha todos os governos nos últimos 20 anos. Inicialmente a ideia era privatizar a Sabesp, por isso a empresa foi fatiada em unidades de negócio e se necessário, vende-la por região. Não prosperou a privatização porque havia confusão jurídica sobre a concessão do saneamento, e pela rejeição da população. Mas isso não impediu que a empresa fosse privatizada por dentro, com uma administração voltada por o mercado e terceirização de quase tudo. Além disso, a aprovação das PPP no governo Lula/PT possibilitou que o governo do PSDB repassasse sistemas inteiros, como o Alto Tietê, ao setor privado. Deixando a população à mercê da gula dos empresários.

Hoje, a maior parte dos serviços de saneamento é executada por empreiteiras. Aqui reside outro problema grave. Essas empreiteiras são grandes financiadoras de campanhas eleitorais dos partidos burgueses, muitas delas aparecem nas prestações de contas no TSE.

Há uma clara política de passar os serviços, que deveriam ser executados pela Sabesp, para empresas terceiras. Essas empresas, para reduzir custos, não executam as obras conforme as normas de qualidade. Assim ocorrem os vazamentos e outra empreiteira vai lá consertar.

Por outro lado, as obras emergenciais custam muito caro à população e aumentam lucro das empreiteiras, pois são dispensadas as licitações.

A terceirização exacerbada na Sabesp, nada tem a ver com redução de custo ou melhoria na qualidade. Por exemplo, a pesquisa de vazamento não visível custa R\$ 638,00 por quilômetro de rede. Se cada técnico da empreiteira pode fazer até 5 km por dia, ele pode fazer até 110 km/mês, ou seja, o trabalho desse técnico pode custar para Sabesp R\$ 70.180,00 por mês. A empreiteira paga para ele quanto? Se fosse feito com empregado da própria Sabesp, não sairia mais que R\$ 7.000,00 com todos os custos.

Os profissionais da Sabesp tem alto nível técnico e são conhecedores da realidade do saneamento, mas são substituídos por mão de obra rotativa e nem sempre especializada. São contratadas empresas que apresentam uma pequena equipe de profissionais que são especializados, mas que de fato, não vão executar os serviços. Há muito tempo que a Sabesp deixou de ter equipes especializadas em fiscalização. Hoje, tem empreiteira fiscalizando empreiteira.

Nos últimos anos, a Sabesp tornou-se refém das empreiteiras. Se acaba o contrato, não tem quem faz os serviços. Se existem tecnologias novas, de melhor qualidade e mais baratas, mas não constar no contrato, não podem ser utilizadas. Isso ocorre, por exemplo, com a utilização de ferro fundido e PVC nas tubulações de água. Como as empresas que assentam as redes não tem pessoal treinado e nem equipamentos, não assentam redes em PEAD (material que tem menor incidência de vazamentos).

O resultado é visto nas ruas, muitas valas com péssima pavimentação, esgoto transbordando e muito, mas muito vazamento. Cerca de 30% da água tratada é perdida nos vazamentos. Os serviços mal feitos trazem consequências financeiras, ambientais e de saúde pública.

A Sabesp ainda arca com a falta de compromisso das empresas terceirizadas com seus empregados. Há milhares de processos desses trabalhadores contra a empresa, pois quando as empreiteiras não os pagam, e eles entram na justiça do trabalho e arrolam a Sabesp como corresponsável. Em março, um porteiro terceirizado acorrentou-se no portão da ETE Parque Novo Mundo impedindo o acesso às dependências da empresa, enquanto não fosse pago seu salário atrasado.

Aquilo que é essencial para o governo e seus financiadores de campanha, é contrário aos interesses da população.

O governador vem insistindo desde dezembro de 2013 que não vai ter rodízio de água. Essa orientação foi, e é no mínimo irresponsável. Mas ela atendeu a dois interesses: dos acionistas (para não reduzir a lucratividade com a redução da venda do produto) e à reeleição do governador.

Se depender do acionistas, vende-se até a última gota de água. E quanto mais raro for o produto, mais caro fica. Isso ganha maior importância quando se trata do produto essencial à sobrevivência. Quando acabar a água das represas, eles migrarão para água engarrafada. Um exemplo disso é o saneamento de Itu, que é feito por uma empresa privada. Lá a água acabou por completo. Não será surpresa se a empresa abandonar a cidade quando começar a ter prejuízos.

O governador Alckmin apostou na ajuda do céu para esconder a falta de planejamento e investimento em mananciais. Entretanto, a água da região metropolitana de São Paulo pode acabar antes de chegar janeiro de 2015. Aí, desenha-se uma catástrofe para cerca de 16 milhões de pessoas que dependem dessa água.

Do ponto de vista ambiental os danos podem ser irreversíveis. A fauna e flora da região dos mananciais estão sob séria ameaça. A redução dos peixes já vem ocorrendo ano a ano, mas com a redução dos níveis de água a concentração da poluição piora muito a sobrevivência de animais aquáticos. Espécies inteiras podem desaparecer para sempre dessas regiões, provocando efeito cascata em outras espécies e conseqüentemente no ecossistema.

Negligência

O risco de colapso é muito grande e as consequências são maiores ainda. Se o ritmo de queda dos níveis de água continuar como está, teremos colapso total no sistema saneamento em São Paulo e mesmo que chova acima da média dos últimos anos nos próximos meses, estará comprometido o abastecimento de água a curto e médio prazo.

Uma cena impensável seria ver alguém assaltando um mercado para pegar água para sobreviver ou haver êxodo em massa para outras regiões do Brasil. Pois é, isso não está descartado, se o sistema entrar em colapso. Será praticamente impossível para as pessoas comprarem água engarrafada para suprir todas as necessidades por muito tempo.

Além disso, a incidência de doenças transmitidas por água contaminada ou por falta d'água pode ser alarmante e a quantidade de mortes pode chegar a níveis nunca vistos. Pesquisa do Ministério da Saúde aponta que 80% das internações hospitalares no Brasil poderiam ser evitadas se tivéssemos saneamento adequado, e que para cada R\$ 1,00 investido em saneamento economiza-se R\$ 5,00 em saúde curativa. Mas o que temos nesse caso de São Paulo é um processo inverso, o que pode gerar um impacto imprevisível.

Isso nos leva á conclusão de que o governador Geraldo Alckmin está cometendo crime contra a saúde pública, colocando milhões de pessoas em risco e crime contra o meio ambiente. Além disso, mentiu para esconder o problema.

O afastamento do governador deveria ocorrer o mais breve possível, pois não se trata de uma situação normal, onde podemos gostar ou não da gestão de um governo. Mas sim, de colocar milhões de pessoas e seres vivos em risco de vida.

Entretanto, essa não é uma política isolada, ela está afinadíssima com o ideário neoliberal. A água e saneamento estão sendo dominados pelo mercado e colocados à disposição dos empresários em detrimento das necessidades vitais.

Hoje, está em andamento a PPP do Sistema São Lourenço ao custo de R\$ 2,2 bilhões para aumentar em 4.700 litros por segundo, com previsão de término para 2018. O financiamento será R\$ 440 milhões da JICA (agência de fomento do governo Japonês) e restante, R\$ 1,8 bilhões do BNDES e da Sabesp. Mas quem vai gerir é o capital privado, que não entra com recurso algum.

Por outro lado, se fosse incentivado o uso de água de chuva em São Paulo seria possível economizar cerca de 10% do consumo, isso representa cerca de 5.000 litros por segundo, se for coletado e tratado esgoto é possível disponibilizar mais de 20.000 litros por segundo de água de reuso não potável. Hoje, perda de água na distribuição é cerca de 30%, se houver redução de 10%, com a substituição da tubulação e melhorias nos serviços de assentamento, serão economizados 2.000 litros por segundo. Somente estes itens representa o equivalente a um novo Sistema Cantareira. Será que o governo quer isso?

Situação dos reservatórios da Região Metropolitana em 31/10/2014 e estimativa de disponibilidade de água:

- 1) **Cantareira = 12,4%** (incluindo a 1ª e 2ª parcelas do Volume Morto), cai 0,2% ao dia, dura de 60 a 70 dias. Na verdade Já está com **-16,8% do Volume Operacional que chegou a 0% em 15/05/14 e foi adicionado 18,5% do V.M.**
- 2) Alto Tietê = **6,6%** e cai 0,2 a 0,3% a.d, dura uns 30 dias
- 3) Guarapiranga = **39,6%** e cai 0,3 a 0,5% ao dia (dura de 80 a 120 dias)
- 4) Alto Cotia = **30%** e cai cerca de 0,3% a.d (dura de 90 a 120 dias)
- 5) Rio Grande = **69,4%** cai cerca de 0,3% a.d. (dura uns 8 meses);
- 6) Rio Claro = **44%** e cai 0,7% ao dia (+ uns 65 dias).

O consumo de água na região metropolitana de São Paulo, onde tem pouca atividade agrícola, concentra-se entre residências, indústria, comércio e atividade pública. O residencial representa a maior parte (cerca de 84%, conforme apresentação da UFES) da água tratada e distribuída pelas companhias de saneamento. Entretanto, muitas empresas têm poços o que distorce esses dados. Portanto, não é nenhum absurdo dizer que a atividades empresarial e residencial teriam o mesmo peso.

Com a possibilidade da água acabar, vários setores empresariais já falam em paralisação das atividades e demissões. Entretanto, existem outros setores que acharam uma oportunidade de mercado: empresas de perfuração de poços, as de caminhões pipa, de caixas de água, e principalmente as de água envasada (galões, copos, garrafas, etc.). Mas os acionistas não ficam fora dessa, veem uma oportunidade para aumentar sua lucratividade: pedindo a desoneração (PIS/Cofins) e um possível reajuste acima da inflação, com a justificativa de que o setor precisa de mais investimentos.

É necessário desencadear uma luta imediata:

- 1) Estatização imediata da sabesp e das empresas de saneamento, com controle dos trabalhadores (hoje já existe controle dos empresários)
- 2) Criação de um Conselho de Usuários com poder fiscalização e de deliberação sobre as questões de Saneamento;
- 3) Preservação dos mananciais. Para isso é necessário um plano habitacional sério que possa englobar todas as famílias em áreas de risco e que estão sem moradia, e combate à especulação imobiliária;
- 4) Combate às perdas de água. Fim da terceirização e do cartel das empresas prestadores de serviço;
- 5) 100% de Coleta e tratamento do esgoto. Reuso planejado da água do esgoto tratado (para fins não potáveis ou consumo humano);
- 6) Incentivo à coleta e uso de água de chuva (distribuição de reservatórios, com projetos de instalação);

* Marzeni Pereira da Silva trabalha há 22 anos com saneamento, é Tecnólogo; Especialista em Engenharia de Saneamento Básico pela Faculdade de Saúde Pública-USP; ativista do movimento Social e membro da Oposição no Sintaema.